

OS EFEITOS DA HOSPITALIZAÇÃO E O COPING DE CRIANÇAS E SEUS ACOMPANHANTES

Lúisa Lopes Pereira ¹
luisalopesp0@gmail.com
Luis Dirceu da Silva¹, Bruno Jardini Mäder²
bjmader@hotmail.com

Palavras-chave: Hospitalização, Enfrentamento, Psicologia hospitalar

RESUMO: Este trabalho busca mostrar que a hospitalização consiste em um conjunto de fatores, não podendo ser reduzida apenas pela doença orgânica. Os objetivos que se busca alcançar consistem em explicar sobre os efeitos da hospitalização de forma global em crianças e seus acompanhantes, além de buscar conhecer as estratégias de enfrentamento existentes e aquelas que podem ser colocadas para os dois sujeitos. Para pensar nos efeitos da hospitalização e nas estratégias de enfrentamento, é necessário para que o profissional de saúde, principalmente o psicólogo, possa ver o sujeito na hospitalização e tenha ferramentas para trabalhar tanto com o paciente quanto com o cuidador. Esses efeitos da hospitalização variam de sujeito para sujeito, às reações da criança estão relacionadas com o nível de desenvolvimento psíquico, o apoio da família, o tipo de doença e o atendimento da equipe de saúde. Outros aspectos também interferem, como as limitações diárias, a falta de convívio social, a anulação de sua individualidade, as normas, regras e horários, além do próprio tratamento, que pode ser doloroso. Tais variáveis podem desencadear nas crianças estresse, ansiedade ou depressão. A hospitalização apresenta uma repercussão, positiva ou negativa, de qualquer forma no desenvolvimento da criança. Alguns comportamentos são comuns nessa situação, como a regressão às fases já superadas do desenvolvimento, o medo do escuro e de pessoas de branco, o choro, e alterações comportamentais temporárias. Por conta de todas as variáveis a inserção de um acompanhante no ambiente hospitalar se mostra essencial, sendo até mesmo garantido pela lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Eles possibilitam à criança uma sensação de familiaridade e de segurança, além de se tornarem um elo entre o paciente e a equipe médica e de colaborarem na manutenção dos cuidados para com a criança, como banho, alimentação, etc. Esse acompanhamento, entretanto, não consiste só nos pontos positivos, é preciso tomar ciência que isso implica diretamente na rotina da família. O acompanhante necessita se afastar dos outros filhos, de suas atividades diárias, do trabalho, precisa tomar decisões em relação ao paciente, além do desgaste físico e emocional a que está exposto. Nesse contexto de necessidades e demandas subjetivas que o psicólogo hospitalar se insere. Ele apresenta papel essencial para a comunicação com o paciente/acompanhante, além de apoiá-lo,

¹ Graduando em Psicologia na Faculdades Pequeno Príncipe

² Professor na Faculdades Pequeno Príncipe

esclarecê-lo, auxiliar no relacionamento com os médicos e enfermeiros, ou seja, ele é extremamente importante para a harmonia da equipe e para a saúde do indivíduo. Ele age também como um dos facilitadores de estratégias de enfrentamento, também chamadas de *coping*, tanto para o paciente quanto para o acompanhante. O *coping* então, seria um conjunto de esforços, sejam comportamentais ou cognitivos, para lidar com situações específicas, que podem surgir com o estresse e que sobrecarregam os recursos pessoais, por esse motivo ele é a peça chave para diminuir os impactos da hospitalização. Esses esforços podem ser divididos baseados no tipo e na função. O primeiro tipo diz respeito ao esforço de uma pessoa para mudar ou administrar aspectos de algo estressante, focando assim no problema existente. Já o segundo tipo de *coping* é focado na emoção, ou seja, são esforços para administrar ou regular emoções negativas relacionadas a situações estressantes. Muitos pesquisadores fazem a diferenciação entre o *coping* utilizado por crianças e adolescentes, daqueles de adultos. Essa distinção surge da diferença de estressores entre esses grupos, além do grau de desenvolvimento cognitivo. Mesmo assim as crianças apresentam grande diversidade de respostas, sendo as mais frequentes: o *Coping* ativo, que se refere ao controle do perigo e busca de apoio social, e diversas formas de *coping* interno, que se refere ao planejamento de solução do problema e distração. Algumas estratégias, que são menos observadas, envolvem autodestruição, agressão, confronto, afastamento, relaxamento e controle da ansiedade. É importante ter conhecimento dessas estratégias de enfrentamento da situação estressante, para assim auxiliar a criança hospitalizada a lidar melhor com a situação. Por exemplo, a ruminação e a distração mostram-se as estratégias que mais se destacam quando se refere a crianças hospitalizadas. Tendo isso em mente o profissional pode pensar em soluções que apoiem esses esforços, como a própria escuta clínica para o caso de ruminação. E no caso da distração, a prática de atividades prazerosas para a criança, como o brincar, que é algo que auxilia muito no restabelecimento mais rápido da saúde da criança, já que a mesma pode manifestar sua angústia e seus medos, além de que essa prática a deixa mais colaborativa nos procedimentos realizados. Já as atividades e ações que apoiam as estratégias de enfrentamento do acompanhante são mais amplas e voltadas principalmente para comunicação, e manutenção da relação do acompanhante com a equipe. Ter um bom diálogo, no qual o acompanhante tenha acesso às informações da doença, os sintomas, tratamento, procedimentos, etc.; incentivar a participação desse familiar, para que se sinta útil no processo curativo; validar suas respostas emocionais, assim como incentivar a contar sua narrativa sobre a doença, ou seja, uma escuta eficaz das demandas desse acompanhante; além de incentivar períodos de descanso, alimentação e lazer, afinal, danos à saúde física são grandes estressores emocionais. Esse apoio favorece na manutenção do papel do familiar como cuidador, além de colocar a família como parte do tratamento, o que auxiliar a própria criança. Com todas essas colocações, é possível perceber que pensar na hospitalização além da doença e assim pensar em formas de auxiliar no *coping* de pacientes e acompanhantes, é pensar na atenção integral ao indivíduo. E, dessa

forma, humanizar o atendimento hospitalar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, B. S.; REIS, T. R.; SILVEIRA, D. S. **Revisão bibliográfica: importância do acompanhante na internação hospitalar infantil.** Disponível em <<http://www.unifra.br/eventos/jornadadeenfermagem/Trabalhos/3732.pdf>> acesso em 13.set.2017

BALDINI, S. M.; KREBS, V. L. J. **A criança hospitalizada.** Disponível em <<http://files.viverjunto.webnode.com.br/200000262495054a4a8/a%20crian%C3%A7a%20hospitalizada.pdf>> acesso em 13.set.2017

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. O processo de coping em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 11, n. 1, p. 38-45, jun. 2003.

GORAYEB, R. **A prática da psicologia hospitalar.** Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Ricardo_Gorayeb/publication/242745738_A_pratica_da_psicologia_hospitalar/links/54edd8410cf25238f9391a26.pdf> acesso 15.set.2017.

MORAES, E. O.; ENUMO, S. R. F. Estratégias de enfrentamento da hospitalização em crianças avaliadas por instrumento informatizado. **PsicoUSF**, Itatiba , v. 13, n. 2, p. 221-231, dez. 2008.

OLIVEIRA, G. F.; DANTAS, F. D. C.; FONSECA, P. N.. O impacto da hospitalização em crianças de 1 a 5 anos de idade. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 2, p. 37-54, dez. 2004.

SCHEULTZ, L F. **A família vivenciando a doença e a hospitalização da criança: Protegendo o filho do mundo e não o mundo do filho.** Disponível em <<http://tede.ung.br/bitstream/123456789/211/1/Lidiane+Ferreira+Schultz.pdf>> acesso em 15.set.2017.